

**ERNESTO FARIA E A GRAMATICOGRAFIA
LATINA NO BRASIL**

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

Consiste o artigo em estudo sobre a *Gramática Superior da Língua Latina* (FARIA, 1958), cujo autor foi o latinista e filólogo Ernesto Faria (1906-1962). O estudo tem por fundamentação teórico-metodológica os pressupostos da Gramaticografia, uma das linhas de pesquisa da disciplina de Historiografia da Linguística, conforme Swiggers (2013), Cavaliere (2022) e Koerner (1996). No artigo, debatemos o pensamento linguístico de Faria, em seu contexto de desenvolvimento no cenário acadêmico da universidade brasileira da primeira metade do século XX e a sua vinculação, à época, a correntes de pensamento para a descrição e história do latim, como a Filologia e o Estruturalismo europeus. Faria era membro de diversas sociedades científicas e participava de diversos círculos intelectuais nacionais e internacionais, como a *Société des Études Latines* e a Academia Brasileira de Filologia, o que influenciou em seu pensamento linguístico.

Palavras-chave:

Gramaticografia. Língua Latina. Linguística Histórica.

ABSTRACT

The article consists of a study on the *Superior Grammar of the Latin Language* (FARIA, 1958), whose author was the Latinist and philologist Ernesto Faria (1906-1962). The theoretical-methodological basis of the study is the assumptions of Grammaticography, one of the lines of research in the discipline of Historiography of Linguistics, according to Swiggers (2013), Cavaliere (2022) and Koerner (1996). In the article, we discuss Faria's linguistic thought, in its context of development in the academic scenario of the Brazilian university in the first half of the 20th century, and its connection, at the time, to currents of thought for the description and history of Latin, such as Philology and European Structuralism. Faria was a member of several scientific societies and participated in several national and international intellectual circles, such as the *Société des Études Latines* and the Academia Brasileira de Filologia, which influenced his linguistic thinking.

Keywords:

Grammaticography. Latin Language. Historical Linguistic.

1. Introdução

Uma das principais gramáticas de língua latina no cenário acadêmico brasileiro do século XX foi a *Gramática Superior da Língua Latina* (FARIA, 1958), cujo autor foi o professor Ernesto Faria (1906-1962),

catedrático de latim da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. A obra foi editada pela Livraria Acadêmica no Rio de Janeiro, em uma importante série de livros que compunha a Biblioteca Brasileira de Filologia. A gramática latina de Faria era o décimo quarto livro da série. Posteriormente, a obra foi reeditada com o título *Gramática da língua latina* (FARIA, 1992), pelo Ministério da Educação, em Brasília, sob a revisão de Ruth Faria.

Sob o rótulo inicial de “gramática superior”, a obra foi desenvolvida com uma teoria científica filológico-linguística científica para apresentar a descrição e a história da língua latina, o que a caracteriza como um texto acadêmico, para emprego específico em meios universitários no Brasil. A obra afasta-se, dessa forma, de manuais escolares de latim, muito comuns à época, e seu autor apresentou uma visão teórica apoiada em referencial teórico de seu contexto de produção, o que será objeto de análise, ainda que não exaustiva, em nosso artigo.

Nesse sentido, para se considerar o pensamento linguístico de Faria, tendo sua gramática latina como objeto de estudos, nos apoiamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, em sua linha de pesquisas da Gramaticografia, conforme Swiggers (2013; 2019) e Koerner (1996), além de teóricos e historiográficos que já debateram a história da gramática no Brasil (Cf. CAVALIERE, 2022; ALTMAN, 2019). Nosso intuito inicial é demonstrar a vinculação da gramática de Faria a correntes de pensamento europeias de sua época, na descrição do latim.

Para se aquilatar o valor institucional e cultural da obra acadêmica de Faria, podemos fazer uma analogia com as obras de outro renomado linguista próximo à sua geração, Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904–1970). Ernesto Faria foi um renovador dos estudos de latinidade de sua época, historiograficamente, sua obra está para o latim como a obra de Mattoso Câmara esteve para a renovação da descrição da língua portuguesa no contexto acadêmico do Brasil, ainda que tivesse um grande vínculo com as teorias filológicas. Como o latim é uma disciplina específica e mais restrita em nosso contexto histórico, a obra de Faria não atingiu a mesma repercussão que a obra de Mattoso Câmara, para a Historiografia da Linguística, mas ambos acadêmicos representaram a renovação do estudo acadêmico de suas disciplinas, ainda que Faria tivesse uma tendência de pensamento vinculada ainda à Filologia e não só à Linguística, pela característica dos estudos das línguas clássicas.

A obra de Mattoso Câmara tem sido tema recorrente da disciplina

de Historiografia da Linguística, já com diversos estudos desde a implantação da área de pesquisas no Brasil, pelo Centro de Documentação Historiográfica da Universidade de São Paulo (CEDOCH/USP) em 1994 e pelo GT da Anpoll de Historiografia da Linguística Brasileira, em 1996. Já Ernesto Faria, e a tradição gramatical brasileira relacionada às línguas clássicas, é um tema que ainda carece de maior discussão pelos pressupostos de uma Gramaticografia latina no Brasil.

Em termos gerais, no artigo, debatemos como o próprio Faria descreveu a história da gramática no Brasil quanto ao ensino de latim. Longe de esgotar o tema, o texto busca suscitar uma contribuição a esse debate acadêmico que pode nos fazer compreender o desenvolvimento da tradição do ensino de latim no contexto nacional, um ensino contínuo desde os primórdios da educação humanística, ainda na América portuguesa. Ao mesmo tempo, a motivação do estudo historiográfico é debater argumentos em defesa à continuidade desse ensino, que é característico da formação humanística dos cursos de Letras, desde a sua fundação, como uma tradição do desenvolvimento do pensamento linguístico no Brasil.

2. A gramaticografia latina e seus pontos de ancoragem

Em um exame das obras *Gramática Superior da Língua Latina* (FARIA, 1958) e *Introdução à didática do latim* (FARIA, 1959), encontramos os “pontos de ancoragem” (SWIGGERS, 2013; 2019) para uma gramaticografia da língua latina no Brasil, conforme o pensamento linguístico de Ernesto Faria. Sua narrativa da história do ensino de latim divide o pensamento linguístico em etapas relacionadas ao emprego de obras que mudaram o paradigma de sua época.

Segundo Faria (1959), em um primeiro momento, a obra gramatical latina *De Institutione Grammatica libri tres*, de 1572, de Manuel Álvares (1526–1583), jesuíta e humanista cristão, teve um grande impacto no ensino de latim no contexto missionário da América portuguesa. O emprego da gramática nesse contexto seguiu de fins do século XVI ao século XVIII, até o ano de 1759, quando houve uma descontinuidade da atuação dos missionários jesuítas na colônia portuguesa, por decisão da coroa portuguesa.

Já em um segundo momento, segundo Faria (1959), depois que o emprego da gramática de Manuel Álvares foi descontinuado, por alvará-regio, iniciou-se o emprego de duas obras gramaticais latinas na América portuguesa vinculadas à tradição racionalista, recomendadas por Portugal,

no contexto das aulas-régias. A mais influente foi a obra gramatical latina *Novo methodo da grammatica latina*, de 1752, do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797) e a segunda obra foi a *Grammatica da língua latina*, de Antônio Félix Mendes (1706-1790), também publicada no século XVIII. Essas obras, e outras similares, no modelo da gramática racionalista, teriam sido aplicadas também no Imperial Colégio de Pedro II, desde a sua fundação em 1837, no ensino de latim.

Por fim, em um terceiro momento, Ernesto Faria citou em sua gramática (Cf. FARIA, 1958), a obra gramatical do filólogo dinamarquês Johan Nicolai Madvig (1804–1886), traduzida para o português pelo filólogo Epifânio Dias, e publicada em 1872. Essa obra, intitulada em sua versão traduzida *Gramática latina: para uso das escolhas*, foi um marco no ensino de latim no Brasil, por apresentar o “método histórico-comparativo” na docência da língua latina.

Podemos notar que esses pontos de ancoragem, que foram citados por Faria, demonstram a mudança do pensamento linguístico no Brasil, quanto ao ensino de latim. Note-se que a tradição linguística de ensino do latim no Brasil é uma tradição antes luso-brasileira, estando o Brasil como um contexto receptor do pensamento linguístico português, mesmo após o período da Independência, em 1822. Essa influência cultural é fruto das relações diplomáticas e da boa amizade constituída entre o Brasil e Portugal, mesmo após o século XIX.

3. O Congresso de Instrução Pública (Genebra, 1938) e a Gramática Superior da Língua Latina

Como um ponto de ancoragem para descrevermos o desenvolvimento do pensamento linguístico de Faria, temos registrado na gramática (Cf. FARIA, 1958) o Congresso de Instrução Pública (*Conférence internationale de l'éducation*), ocorrido em Genebra, em 1938. O congresso marcou o “clima de opinião” (KOERNER, 1996) referente ao ensino de latim (*langues anciennes*) nas instituições públicas europeias do século XX, em período anterior à Segunda Guerra Mundial, como um padrão para as nações culturalmente alinhadas ao contexto ocidental, como a América Latina. O ensino das línguas clássicas nas escolas e universidades públicas foi debatido e apresentado em posterior recomendação, publicada pela UNESCO (1979).

O prefácio da gramática latina de Faria (1958) apresenta uma

proposta de ensino de latim em consonância aos pressupostos da “recomendação” publicada pela UNESCO. Nesse contexto, o ensino das “*langues anciennes*” era proposto para todas as escolas e universidades públicas, como uma base para a educação humanística. Devemos refletir sobre o contexto em que essas recomendações foram pensadas, na Europa de 1938, e como a recepção de Ernesto Faria se deu no contexto do Brasil, no mesmo período e nas décadas posteriores, em que o latinista atuou.

A Europa de 1938 estava em uma crise de valores, por conta da ascensão de ideologias ultranacionalistas, sobretudo o nazifascismo, e uma das reações no âmbito da educação foi o Congresso de Instrução Pública, que buscava reafirmar os valores da democracia liberal no ensino. Nesse sentido, as “*langues anciennes*” (línguas clássicas), eram prestigiadas como disciplinas formadoras de reflexões humanísticas, além de seu valor como instrumento didático para complementar o ensino de “*langues vivantes*” (línguas modernas).

O texto da própria recomendação “*L’Enseignement des langues anciennes*” (UNESCO, 1979) remete-se a uma recomendação anterior, feita também em Genebra, sobre as línguas modernas. O documento cita o fato de o ensino de línguas remeter-se não só à “aquisição de noções de ordem prática” sobre a língua e a sociedade, mas a uma formação moral, intelectual e artística. Isto é, o ensino de línguas é também um ensino de culturas.

Esse ensino é considerado no âmbito da vida moderna, pelo “equilíbrio” em relação às “faculdades” do pensamento e do “gosto” estético, isto é, relacionado à capacidade de reflexão, de compreensão abstrata, e da interpretação e fruição da arte. Nesse sentido, acreditava-se que a vida moderna não poderia ser afastada da Filosofia e da Literatura, assim como de outras artes, por exemplo, disciplinas humanísticas tradicionais, que se tornavam um contraponto às ideologias ultranacionalistas.

Essa instrução remetia-se ao ensino de crianças nas escolas públicas, a fim de criar um “senso de realidade”, “qualidade de juízo e de análise” e “uma fineza de espírito”, inspirada nos textos da Antiguidade Clássica, que possuíam um “valor educativo particular”. O objetivo era o estudo das civilizações antigas da Grécia e de Roma como um patrimônio comum para as nações do bloco do Ocidente, o que configurava uma estratégia para incitar a compreensão e o diálogo mútuos, superando as barreiras do nacionalismo, exaltados pelas ideologias extremistas, que não são citadas no documento, mas se subentendem no clima de opinião desse contexto social e histórico.

Por fim, nas “recomendações”, havia a sugestão de que o estudo das “*lingues anciennes*” fosse um estudo textual, isto é, derivado da leitura e da tradução do *corpus* textual relacionado às Culturas da Antiguidade Clássica. Era proposto um “contato direto” com os textos, que poderiam favorecer a compreensão e o estudo da “arte” e da “literatura”. Nesse sentido, percebe-se uma perspectiva também laica no ensino de latim e de grego, pelas “recomendações” do congresso de Genebra em 1938, tendo a educação humanística uma função social na sociedade moderna de tornar acessível a fruição das artes, de um modo geral.

4. Conclusão

A obra gramatical de Ernesto Faria participa de um contexto cultural e histórico do Brasil em que a língua latina estava em uso da educação escolar ao ensino superior. O latinista escreveu sobre a história da gramática latina, a gramaticografia latina, em suas diversas obras, o que buscamos recuperar pelas premissas de uma gramaticografia latina moderna. Dessa forma, Faria foi o precursor de uma gramaticografia latina no Brasil.

Na primeira parte do artigo, analisamos essa gramaticografia latina precursora proposta pelo latinista, por descrição de seus pontos de ancoragem para demarcar a mudança de paradigma de pensamento no ensino de latim no Brasil. Podemos notar que a tradição relacionada à história do pensamento linguístico e das práticas gramaticais no Brasil, em relação ao latim e seu ensino, é uma tradição cultural luso-brasileira, iniciada ainda à época da colônia e contínua ao longo dos séculos.

Na segunda parte do artigo, debatemos o “clima de opinião” (*Zeitgeist*) de sua própria obra, pela investigação das “recomendações” do congresso de 1938. O texto, publicado pela UNESCO, em 1979, é fundamental para se conhecer o contexto em que Faria desenvolveu a sua gramática latina e quais ideais estavam relacionados ao ensino de latim à sua época.

Nosso intuito foi abrir o debate sobre uma gramaticografia latina no Brasil pelos pressupostos da disciplina de Historiografia da Linguística, conforme o modelo “koerniano”, desenvolvido recentemente por Cavaliere em sua *História da Gramática no Brasil* (CAVALIERE, 2022), fonte para a metodologia empregada nesse artigo. Buscamos nesse texto contribuir com mais um estudo sobre o tema em nosso cenário acadêmico nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 19-44.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. Campinas-SP: Unicamp. 1992.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 81-114

CAVALIERE, Ricardo Stavola. *História da Gramática no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2022.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Brasília: FAE, 1992.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FARIA, Ernesto. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

_____. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 56, p.197 - 217, 2019a.

_____; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. *Confluência*, v. 57, p. 9-35, 2019b.

_____; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista Philologus*, Ano 25, n. 75, v. 2 p. 1564-72, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2019c.

_____. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, n. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019d.

_____. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso-SJ (1906–2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, Ano 1, n. 1, p. 01-15, 2020a.

_____. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

_____. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020c.

_____. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

_____; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista Philologus*, n. 76, v. 2, p. 750-9, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020e.

_____. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534–1597). *Global Journal of Human-social Science: G Linguistics & Education*, n. 20, p. 37-44, 2020f.

_____. The place of Anchieta's Grammar in the history of linguistic thought in Brazil. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e610, 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/610>. Acesso em 14 fe. 2022.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia da Linguística. Trad. de Cristina Altman. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: ALTMAN, C. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.

UNESCO. *Conférence Internationale de l'Éducation – recommandations 1934-1977*. Paris: UNESCO, 1979.